

doi 10.46943/X.CONEDU.2024.GT07.004

# IGUALDADE DE GÊNERO EM JOGO: ANÁLISE DA PARTICIPAÇÃO FEMININA NO FUTSAL MISTO

Dirlene Almeida Ferreira<sup>1</sup>  
Antonio Jansen Fernandes da Silva<sup>2</sup>  
Patrick Anderson Martins Magalhães<sup>3</sup>  
Maria Eleni Henrique da Silva<sup>4</sup>

## RESUMO

O artigo teve por objetivo analisar a participação feminina em jogos mistos de futsal, durante a Semana Olímpica Cultural Infante juvenil, em uma escola pública municipal de Fortaleza – CE, com foco no impacto dessa prática na promoção da igualdade de gênero no esporte. Em um contexto em que a sociedade busca a equidade de gênero, a inclusão das mulheres no esporte se revela um marcador importante dessa transformação, evidenciando mudanças nas normas sociais e reconhecendo os amplos benefícios do esporte para todos. Metodologicamente, o estudo se ancora em uma análise de literatura sobre a participação esportiva feminina e emprega uma abordagem qualitativa para coleta de dados. Diante disso, as informações foram obtidas por meio de uma roda de conversa com seis atletas femininas que participaram da competição, em que as equipes foram compostas por estudantes de ambos os gêneros de cada turma, fomentando uma integração equitativa durante o evento. Esse ambiente oferece uma oportunidade valiosa para examinar as percepções, vivências e os desafios que as mulheres enfrentam em contextos esportivos mistos. Os resultados indicam que, apesar do futsal misto favorecer a inclusão e desafiar as normas de gênero convencionais, as jogadoras ainda encontram obstáculos

1 Doutoranda do Curso de Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará - UFC, [dirlenealmeida@gmail.com](mailto:dirlenealmeida@gmail.com);

2 Doutorando do Curso de Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará - UFC, [jansenti-mao@hotmail.com](mailto:jansenti-mao@hotmail.com);

3 Mestrando do Curso de Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará - UFC, [patrickanderson1144@gmail.com](mailto:patrickanderson1144@gmail.com);

4 Doutora pelo Curso de Educação da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, [melenih@gmail.com](mailto:melenih@gmail.com).

significativos, como preconceitos e falta de reconhecimento. No entanto, a participação nessas competições também traz oportunidades para o empoderamento das mulheres e avanços na igualdade de gênero no esporte. Foi possível concluir que ainda se faz necessário enfatizar a necessidade de criar ambientes esportivos mais inclusivos e justos, que promovam a participação feminina e contribuam para a construção de uma sociedade equitativa, utilizando as competições internas escolares como um microcosmo para observar e influenciar essas dinâmicas.

**Palavras-chave:** Participação Feminina, Esportes Mistos, Futsal Escolar, Equidade de Gênero, Inclusão no Esporte..

## INTRODUÇÃO

A igualdade de gênero no esporte é um tema central para a promoção de uma sociedade mais justa e inclusiva. No ambiente escolar, onde se formam as bases do comportamento social e do desenvolvimento pessoal, a inclusão de meninas em atividades esportivas como o futsal misto é fundamental. No entanto, a implementação dessa inclusão apresenta desafios complexos e multifacetados, refletindo as desigualdades estruturais e os estereótipos de gênero profundamente enraizados na sociedade.

Historicamente, a inclusão de meninas no futebol enfrentou diversos obstáculos. Mediante esse contexto, Broch (2021) argumenta que a aceitação das mulheres no futebol foi um processo marcado por resistências culturais e sociais, refletindo desigualdades estruturais que persistem até os dias atuais. Mesmo em contextos que promoviam a inclusão, as meninas frequentemente lidavam com expectativas reduzidas e uma menor valorização de suas habilidades (Freitas *et al.*, 2023). Esse cenário sublinha a necessidade de uma análise crítica e detalhada das experiências das meninas nos jogos mistos, não apenas para identificar os avanços, mas também para evidenciar os obstáculos que persistem.

Desse modo, este estudo visa compreender como as meninas percebiam sua participação em jogos mistos de futsal na Semana Olímpica Cultural Científica Infante Juvenil<sup>5</sup> (SOCCI) e também visa explorar os fatores que influenciaram essa experiência. A inclusão de meninas em esportes tradicionalmente dominados por meninos é frequentemente vista como um avanço na promoção da igualdade de gênero. No entanto, essa inclusão deve ser examinada de forma crítica para entender não apenas as experiências positivas, mas também as barreiras e desafios enfrentados pelas meninas. A aceitação inicial, muitas vezes, não se traduz em uma verdadeira igualdade de participação, mas sim em uma

5 Evento, realizado entre os dias 27 de novembro e 3 de dezembro de 2023, constitui uma atividade avaliativa composta por três partes integradas: Olímpica, Científica e Cultural, em que a participação de todos os/as alunos/as é obrigatória. As modalidades esportivas são organizadas e realizadas pelos/as professores/as de Educação Física, que orientam e acompanham os/as estudantes em suas práticas. Na parte científica, cada turma conta com um/a professor/a orientador/a, responsável por orientar os/as alunos/as nos estudos e desenvolvimento de trabalhos sobre um subtema específico. Já na parte cultural, as turmas se envolvem em diferentes apresentações, como paródias, teatro, seminários, dança, entre outras atividades, destacando a diversidade de expressões artísticas e culturais.

presença simbólica em que as habilidades das meninas são subestimadas e suas contribuições desvalorizadas.

Metodologicamente, o estudo adotou uma abordagem qualitativa, descritiva e exploratória, permitindo uma compreensão aprofundada das percepções e experiências das alunas. A técnica de roda de conversa foi utilizada para a coleta de dados, proporcionando um ambiente interativo e informal que facilitou a expressão autêntica das participantes. Esta metodologia foi eficaz para revelar nuances e percepções que poderiam não emergir em outras técnicas qualitativas mais formais.

Os dados coletados foram analisados utilizando a técnica de análise de conteúdo, conforme descrito por Bardin (2011), identificando categorias temáticas e padrões de significado. A triangulação dos dados foi empregada para garantir a validade e a confiabilidade dos resultados, comparando as percepções das alunas com a literatura existente sobre igualdade de gênero no esporte.

Os resultados da pesquisa foram organizados em quatro categorias analíticas principais: 1) Inclusão no Futsal Misto: Desafios e Perspectivas, 2) Habilidades das Meninas: Desafios e Reconhecimento no Futsal Misto, 3) Influências da Família na Participação das Meninas no Futsal Misto, e 4) Estereótipos de Gênero no Futsal Misto: Barreiras e Desafios. Cada categoria foi sistematizada com base nos achados empíricos, fornecendo uma visão abrangente das experiências das alunas.

Essa pesquisa pretendeu não apenas contribuir para o entendimento das dinâmicas de gênero no esporte escolar, mas também oferecer recomendações práticas para melhor viabilizar a inclusão e a equidade. A análise das percepções das alunas, à luz do referencial teórico, indicou que, embora tenham ocorrido avanços na inclusão de meninas em jogos mistos de futsal, ainda existiam barreiras significativas a serem superadas. É essencial que sejam adotadas estratégias contínuas e diversificadas, envolvendo intervenções educacionais, apoio familiar e mudanças políticas, para desafiar e superar os estereótipos de gênero e promover um ambiente esportivo verdadeiramente inclusivo.

Em conclusão, esse estudo buscou evidenciar que a inclusão no esporte escolar deveria ir além da aceitação superficial, promovendo um ambiente em que as contribuições e habilidades das meninas fossem igualmente valorizadas. O caminho para a igualdade de gênero no esporte é complexo e demanda um compromisso contínuo de todas as partes envolvidas. A verdadeira inclusão requer um esforço coletivo para desconstruir estereótipos e promover práticas

que valorizem e respeitem as habilidades e contribuições de todos/as os/as estudantes, independentemente do gênero.

## METODOLOGIA

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa, descritiva e exploratória, com o objetivo de compreender as percepções e experiências das alunas quanto à sua participação em jogos mistos de futsal durante a SOCCIJ em uma escola pública municipal de Fortaleza - CE. A abordagem qualitativa foi escolhida por permitir uma análise aprofundada das percepções e experiências das participantes, utilizando técnicas de coleta de dados que proporcionam um entendimento detalhado e contextualizado do fenômeno estudado (Bogdan; Biklen, 1994).

Para a coleta de dados, utilizou-se a técnica de roda de conversa (Silva e Bernardes, 2007), uma ferramenta de pesquisa qualitativa que promove a interação entre um grupo de participantes sobre um tema específico, facilitada por um mediador, com o objetivo de coletar informações, ideias e posições.

Segundo Silva e Bernardes (2007), a roda de conversa “caracteriza-se como uma oportunidade de aprendizagem e de exploração de argumentos, sem a exigência de elaborações conclusivas. A conversa desenvolve-se num clima de informalidade, criando possibilidades de elaborações provocadas por falas e indagações.” (p. 54).

A roda de conversa foi realizada com seis alunas participantes dos jogos mistos de futsal. Essa técnica foi escolhida devido à sua capacidade de revelar percepções e experiências compartilhadas em um ambiente interativo e menos formal que outras técnicas qualitativas, como os grupos focais tradicionais (Gatti, 2005). A sessão foi realizada após a conclusão dos jogos e gravada em áudio para posterior transcrição e análise.

A seleção das participantes foi realizada por meio de amostragem intencional, conforme descrito por Triviños (1987). Essa técnica permite que os pesquisadores escolham deliberadamente participantes com características relevantes para o estudo, sendo frequentemente utilizada em pesquisas qualitativas em que a profundidade das informações é mais importante que a representatividade estatística. Foram convidadas sete meninas para participar do estudo, mas apenas seis compareceram à sessão.

Para interpretar a transcrição da roda de conversa, foi utilizada a técnica de análise de conteúdo, que identifica categorias temáticas e padrões de significados dos dados qualitativos (Bardin, 2011). Esta técnica foi escolhida por sua capacidade de análise sistemática e objetiva, destacando temas como inclusão, habilidades, influência familiar e estereótipos. A análise envolveu transcrição, revisão, codificação inicial, agrupamento em temas e interpretação dos dados para compreender as percepções das participantes.

Para garantir a validade dos dados, foi utilizada a triangulação, comparando os resultados da roda de conversa com a literatura existente sobre a igualdade de gênero no esporte escolar. Essa técnica de validação permite verificar a consistência dos dados e fortalecer a credibilidade das conclusões do estudo (Triviños, 1987).

A pesquisa foi conduzida em conformidade com os princípios éticos em pesquisas envolvendo seres humanos, conforme as diretrizes da Resolução nº 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. Todas as participantes foram informadas sobre os objetivos do estudo, garantindo a confidencialidade e o anonimato das informações fornecidas. Para a apresentação das falas das estudantes, escolhemos nomes de jogadoras de futebol em substituição aos nomes verdadeiros, assegurando assim o anonimato e a privacidade das participantes.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados coletados na roda de conversa revelou quatro categorias analíticas principais: 1) Inclusão no Futsal Misto: Desafios e Perspectivas, 2) Habilidades das Meninas: Desafios e Reconhecimento no Futsal Misto, 3) Influências da Família na Participação das Meninas no Futsal Misto e 4) Estereótipos de Gênero no Futsal Misto: Barreiras e Desafios. Cada uma dessas categorias foi sistematizada com base nos achados empíricos, conforme descrito a seguir.

### INCLUSÃO NO FUTSAL MISTO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

A inclusão das meninas, nos jogos mistos de futsal, durante a SOCCIJ, representou um avanço para a promoção da igualdade de gênero no ambiente escolar. No entanto, a análise da roda de conversa revelou que essa inclusão é um processo diverso e complexo, marcado por sentimentos variados de aceita-

ção e desafios constantes. Diante dessa realidade, três depoimentos principais ilustraram essas diferentes perspectivas e evidenciaram as nuances da experiência das estudantes.

**Marta:** *“No início, fiquei animada em jogar com os meninos, parecia uma oportunidade de mostrar minhas habilidades. Mas, durante os jogos, percebi que eles não passavam a bola para mim com tanta frequência quanto passavam entre si.”*

**Cristiane:** *“Eu sempre joguei bola com meus primos fora da escola, então achei que seria igual aqui. No entanto, senti que alguns colegas não levavam a sério quando eu fazia uma boa jogada, era como se estivesse sempre precisando provar que sou capaz.”*

**Formiga:** *“Minha família sempre me incentivou a praticar esportes. Quando joguei na SOCCIJ, me senti inicialmente aceita, mas depois de alguns jogos, percebi que tinha que lidar com comentários como ‘ela joga bem para uma menina’, o que me incomodou muito.”*

Essas falas demonstram a complexidade da inclusão em um ambiente esportivo predominantemente masculino, refletindo tanto a aceitação inicial quanto às dificuldades contínuas enfrentadas pelas alunas. A análise das percepções de inclusão revela que, apesar da aceitação inicial, as alunas enfrentam desafios ao longo dos jogos. O relato de *Marta* destaca um problema comum: a subvalorização das habilidades femininas em ambientes esportivos mistos. O ambiente do futebol ainda é permeado por misoginia, diante disso, necessita-se uma discussão aprofundada sobre o que esse espaço simboliza. No futebol, diversos preconceitos, como os de gênero, raça, nacionalidade e orientação sexual, são frequentemente expressos. Preconceitos como xenofobia, sexismo, homofobia e racismo estão profundamente enraizados no tecido social e impactam negativamente a coexistência humana (Observatório da Discriminação Racial no Futebol, 2023).

A experiência de *Marta* ressalta como a inclusão superficial pode mascarar problemas mais profundos. Mesmo quando as meninas são aceitas em times mistos, elas podem não receber as mesmas oportunidades para participar ativamente dos jogos. Este fenômeno é descrito por Broch (2021), que discute como a aceitação inicial pode não se traduzir em igualdade de participação.

Broch (2021) destaca que a inclusão inicial de meninas em atividades esportivas mistas frequentemente é superficial e não se traduz em uma verdadeira igualdade de participação. Embora as meninas sejam aceitas nos times, elas muitas vezes enfrentam barreiras que limitam sua participação ativa. Essas



barreiras incluem a falta de passes durante os jogos, a subestimação de suas habilidades e a tendência dos colegas do sexo masculino de monopolizar as jogadas e as decisões estratégicas do jogo.

A inclusão superficial pode dar a impressão de igualdade, mas frequentemente esconde uma desigualdade subjacente. No caso de *Marta*, a animação inicial em jogar com os meninos foi rapidamente suplantada pela percepção de que não recebia tantas oportunidades de participar ativamente das jogadas. Essa dinâmica reflete uma inclusão simbólica, em que a presença das meninas é permitida, mas sua participação plena e significativa é restringida.

Broch (2021) argumenta que esse tipo de inclusão simbólica não aborda as desigualdades estruturais que existem no esporte. A aceitação das meninas nos times pode ser vista como um passo positivo, mas sem uma mudança nas práticas e atitudes, essa aceitação não resulta em uma verdadeira igualdade de participação. As meninas continuam a serem vistas e tratadas como jogadoras secundárias, cujo papel no jogo é marginalizado.

As barreiras enfrentadas por *Marta* e outras meninas são parte de um problema sistêmico mais amplo. Diante desse aspecto, Broch (2021) discute como as normas culturais e sociais em torno do esporte perpetuam a desigualdade de gênero. Essas normas incluem estereótipos sobre as habilidades atléticas das meninas e a crença de que os meninos são naturalmente mais aptos para esportes competitivos. Esses estereótipos influenciam a forma como os jogos são conduzidos e como as jogadoras são percebidas e tratadas.

*Cristiane* relata uma experiência de aceitação no ambiente familiar que não se traduz de forma igual no contexto escolar. Isso reflete a diferença entre ambientes sociais mais familiares e confortáveis, em que as meninas se sentem valorizadas, e ambientes mais amplos e competitivos, como as escolas, nas quais, elas precisam continuamente provar suas habilidades. Santos (2023) discute esse fenômeno, analisando os impactos culturais e sociais das aulas de Educação Física na perspectiva das atletas, e destaca a necessidade de programas específicos que promovam uma verdadeira inclusão.

A fala de *Cristiane* ilustra a desconexão entre a percepção de habilidades em ambientes informais versus formais. A aceitação e o reconhecimento fora do ambiente escolar muitas vezes não são refletidos na escola. Isso pode ser atribuído a normas sociais e preconceitos profundamente estabelecidos, como discutido por Faria Júnior (1995), que aborda como a coeducação no esporte pode enfrentar barreiras significativas devido a estereótipos de gênero.



*Formiga*, embora tenha recebido incentivo familiar, enfrentou comentários depreciativos, o que ressalta a importância do apoio externo na formação da autoestima esportiva das alunas. Oliveira (2020) e Vianna (2018) enfatizam que o suporte familiar é vital para o empoderamento das meninas no esporte, mas a mudança efetiva também requer intervenções escolares que abordem e desafiem os estereótipos de gênero.

Os comentários recebidos por *Formiga* são emblemáticos do preconceito sutil e da discriminação que muitas meninas enfrentam no esporte. Mesmo com suporte familiar, a falta de reconhecimento e os comentários depreciativos podem minar a confiança das alunas. Goellner (2005) destaca como esses comentários refletem atitudes sociais mais amplas que precisam ser desafiadas para promover uma verdadeira inclusão.

A inclusão no esporte escolar deve ir além da aceitação inicial e trabalhar ativamente para criar um ambiente em que todas as alunas se sintam valorizadas e reconhecidas por suas habilidades. No contexto do futsal misto, a perspectiva de inclusão pode ser enriquecida pelas reflexões de bell hooks<sup>6</sup> (2019) que argumenta que a verdadeira transformação social ocorre quando as vozes marginalizadas são trazidas do periférico para o centro do discurso. Aplicando essa ideia ao esporte, é essencial que as experiências e perspectivas das meninas sejam centrais na organização e condução dos jogos mistos. Isso implica não apenas permitir a participação das meninas, mas também valorizar ativamente suas contribuições e abordar os desafios que enfrentam devido aos preconceitos de gênero. Ao colocar as experiências das meninas no centro do planejamento e execução dos jogos, podemos criar um ambiente mais equitativo e inclusivo, que reconhece e celebra a participação de todos/as os/as envolvidos, independentemente do gênero. Este enfoque ajuda a combater a subvalorização das contribuições femininas e promove uma cultura esportiva em que todos se sintam igualmente valorizados e respeitados.

O estudo de Somariva (2015) sugere a implementação de programas educacionais que desafiem as normas de gênero e promovam a igualdade. Nesse contexto, Atem e Pelegrini (2016) também destacam a necessidade de políticas escolares inclusivas que assegurem oportunidades iguais para todos e todas os/as estudantes. A contribuição de bell hooks (2019), complementa essas perspec-

<sup>6</sup> bell hooks, pseudônimo de Gloria Jean Watkins, é escrito em minúsculas como um gesto político, destacando suas ideias em vez de sua identidade pessoal.

tivas ao enfatizar que as práticas inclusivas devem transcender a mera aceitação e envolver a centralização das vozes e experiências das meninas. Isso requer um compromisso ativo de criar espaços, os quais suas histórias e habilidades sejam reconhecidas e valorizadas, promovendo um ambiente que não apenas permite, mas celebra a diversidade e a igualdade. Ao integrar essas abordagens, podemos avançar para uma prática esportiva escolar que realmente reflete os princípios de equidade e inclusão, desafiando as estruturas de poder que perpetuam a desigualdade de gênero.

Portanto, a inclusão deve ser entendida como um processo contínuo e crítico, que exige esforços coordenados de famílias, escolas e políticas públicas para ser efetivamente alcançada. A análise dos resultados evidencia que, apesar dos avanços, ainda há um longo caminho a percorrer para garantir que a inclusão no esporte escolar seja plena e equitativa. A literatura reforça que a transformação desse cenário demanda uma abordagem complexa, englobando intervenções educacionais, apoio familiar e mudanças políticas para desafiar e superar os estereótipos de gênero.

Embora a inclusão das meninas nos jogos mistos de futsal durante a SOCCIJ represente um avanço na busca pela igualdade de gênero, os desafios enfrentados por elas evidenciam que essa inclusão ainda é limitada por barreiras sutis, como a subvalorização de suas habilidades. A facilidade inicial não se traduz, necessariamente, em oportunidades equitativas de participação ativa. Assim, é fundamental compreender de que maneira as habilidades das alunas são percebidas e reconhecidas pelos/as colegas e pelo ambiente escolar, bem como os obstáculos que elas encontram para demonstrar seu potencial. A próxima categoria se propõe a examinar mais de perto essas questões, lançando luz sobre a importância do reconhecimento das competências das alunas para a construção de um espaço verdadeiramente inclusivo e justo.

## HABILIDADES DAS MENINAS: DESAFIOS E RECONHECIMENTO NO FUTSAL MISTO

A participação ativa das meninas nos jogos mistos de futsal durante a SOCCIJ foi frequentemente mediada pelo reconhecimento de suas habilidades pelos/as colegas do gênero masculino. No entanto, as estudantes relataram a necessidade constante de provar suas habilidades, enfrentando preconceitos de gênero que subestimam suas capacidades. Esse cenário é um reflexo das nor-

mas sociais e culturais que historicamente marginalizam a participação feminina no esporte, tal como apresentado nos depoimentos abaixo:

**Debinha:** *“Os meninos me chamaram para eu participar, porque toda vida eles sempre jogaram comigo, né? Eles vivem lá jogando comigo.”*

**Ludmila:** *“Os meninos me chamaram porque eles sabem que eu sou a única lá da sala que joga.”*

**Tamires:** *“Eu sempre jogo com os amigos que eu tenho, né? Que são da minha sala. Eu achei bem interessante porque a gente já estava bem entrosado.”*

Esses relatos destacam que, embora as habilidades das meninas sejam reconhecidas, esse reconhecimento é condicional e frequentemente limitado a contextos específicos em que suas competências são previamente conhecidas. Esse fenômeno é amplamente discutido na literatura, como apontado por Broch (2021), que destaca a histórica desigualdade de gênero no futebol, em que as habilidades das meninas são frequentemente subestimadas e não recebem o mesmo valor que as dos meninos.

Apesar do reconhecimento de suas habilidades, as meninas relataram a necessidade constante de provar suas capacidades. *Marta* comentou que os meninos preferiam muitas vezes chamar um colega do gênero masculino menos habilidoso do que uma menina mais competente, simplesmente por questões de gênero. *“Às vezes, os meninos preferem chamar um menino que joga pior do que uma menina que joga melhor, só porque ele é menino”*, relatou *Marta*.

A formação de habilidades desde cedo é essencial para garantir que mais meninas se sintam capazes e confiantes para participar dos esportes mistos. Goellner (2005) enfatiza que a falta de oportunidades e de treinamento adequado para meninas é uma das principais barreiras para a equidade de gênero no esporte. Esses preconceitos podem limitar as oportunidades para as meninas e afetar sua motivação e sua autoestima.

Para superar esses desafios, é essencial promover uma cultura de respeito e valorização das habilidades das meninas. Faria Júnior (1995) sugere que a coeducação pode facilitar a integração de gênero, desde que haja um ambiente de apoio e encorajamento. Educadores e treinadores desempenham um importante papel nesse processo, sendo responsáveis por criar um ambiente inclusivo e justo, em que as contribuições das meninas são reconhecidas e valorizadas.

bell hooks (2017) argumenta que a educação deve ser um ato de liberdade que desafia as normas opressoras e promove a liberdade de expressão.

Aplicando essa perspectiva ao contexto esportivo, é fundamental criar um ambiente em que as meninas possam se expressar livremente e suas contribuições sejam valorizadas, combatendo os estereótipos de gênero que limitam suas oportunidades.

Essa dinâmica reflete um preconceito de gênero profundamente enraizado, em que as habilidades das meninas são constantemente questionadas e subestimadas. Goellner (2005) observa que a visibilidade e aceitação das mulheres no futebol são diuturnamente limitadas por estereótipos de gênero que subestimam suas capacidades atléticas. Esses estereótipos criam barreiras significativas, dificultando a participação plena das meninas no esporte e perpetuando a desigualdade de gênero.

A inclusão baseada em habilidades e familiaridade com os meninos pode ser vista como um avanço em relação ao reconhecimento das capacidades das meninas. No entanto, essa inclusão ainda é seletiva e muitas vezes exclui aquelas que não possuem habilidades preexistentes ou não têm um bom relacionamento com os meninos. Freitas, *et al.* (2023) destacam que a verdadeira inclusão requer um reconhecimento igualitário das habilidades e contribuições das meninas.

Para enfrentar esses desafios, o desenvolvimento de programas específicos de treinamento para meninas é vital. Esses programas podem ajudar a nivelar o campo de jogo, garantindo que as habilidades das meninas sejam plenamente desenvolvidas e reconhecidas. Freitas *et al.* (2023) discutem as resistências e os desafios na prática do futebol feminino, enfatizando a necessidade de iniciativas que forneçam às meninas as mesmas oportunidades de treinamento e de desenvolvimento que são oferecidas aos meninos.

Malvar (2020) argumenta que a criação de programas específicos pode não apenas melhorar as habilidades técnicas das meninas, mas também fortalecer sua confiança e autoeficácia, ajudando-as a enfrentar e superar os preconceitos de gênero. A implementação de tais programas nas escolas pode promover um ambiente esportivo mais inclusivo e equitativo, em que as meninas possam participar plenamente e serem reconhecidas por suas habilidades.

A análise da participação das meninas nos jogos mistos de futsal na SOCCIJ revela a complexa interação entre reconhecimento de habilidades e preconceitos de gênero. Embora as habilidades das meninas sejam ocasionalmente reconhecidas, elas ainda enfrentam a necessidade constante de provar seu valor em um ambiente que frequentemente subestimam suas capacidades. O desenvolvimento de programas específicos de treinamento para meninas é

essencial para garantir que suas habilidades sejam plenamente desenvolvidas e valorizadas, promovendo a igualdade de gênero no esporte escolar. A implementação dessas iniciativas pode ajudar a desafiar e transformar as normas de gênero, criando um ambiente esportivo mais justo e inclusivo para todos.

## INFLUÊNCIAS DA FAMÍLIA NA PARTICIPAÇÃO DAS MENINAS NO FUTSAL MISTO

A participação das meninas nos jogos mistos de futsal é significativamente influenciada pelo apoio familiar. Esse apoio não só motiva as meninas a se engajarem no esporte, mas também lhes fornece a confiança necessária para enfrentar os desafios e os preconceitos inerentes à prática esportiva em um ambiente predominantemente masculino. Analisando os dados coletados na roda de conversa, fica evidente que a influência da família desempenha um importante papel na construção da identidade esportiva das meninas e na promoção da equidade de gênero no esporte. As falas das alunas destacam a importância do suporte familiar.

**Andressa:** “Meu pai sempre me incentivou a jogar, ele sempre acreditou no meu potencial.”

**Debinha:** “Minha família sempre me apoiou, especialmente meu pai, que sonhava em me ver jogar profissionalmente.”

**Ludmila:** “Tia, meu pai sempre sonhou que eu ia ser uma jogadora profissional. Então todo mundo lá de casa deixa, não fala nada.”

Esses relatos evidenciam que a confiança e o incentivo provenientes da família são fundamentais para o envolvimento contínuo das meninas no esporte. A literatura corrobora a essa perspectiva, destacando que o apoio familiar é essencial para o desenvolvimento esportivo das meninas. Oliveira (2021) analisa como o suporte familiar pode influenciar positivamente o início e a continuidade da prática esportiva entre as atletas. Esse suporte não apenas encoraja a participação, mas também ajuda a criar um ambiente de confiança em que as meninas se sentem valorizadas e motivadas a superar os desafios.

A aceitação e o incentivo dentro de casa podem oferecer um contrapeso às resistências encontradas em contextos sociais mais amplos, proporcionando um ambiente seguro para o desenvolvimento das habilidades esportivas. Além disso, Freitas, *et al.* (2023) destacam que o apoio familiar pode ser fundamental para enfrentar as resistências e os desafios na prática do futebol feminino.

O incentivo dos pais e dos familiares não apenas motiva as meninas, mas também legitima sua participação no esporte, ajudando a quebrar estereótipos de gênero profundamente enraizados.

Oliveira e Maldonado (2020) discutem como a influência positiva da família pode contrabalançar as normas sociais negativas e os preconceitos que limitam a participação das meninas no esporte. Ao receberem apoio e encorajamento de suas famílias, as meninas se sentem mais capacitadas para desafiar as normas de gênero e buscar a igualdade no esporte.

Além do suporte familiar direto, é vital que as escolas implementem iniciativas que envolvam as famílias no processo esportivo das meninas. Vianna (2018) argumenta que a inclusão de programas escolares que promovam a participação ativa das famílias pode reforçar o suporte externo e ajudar a desafiar os estereótipos de gênero. Essas iniciativas podem incluir reuniões regulares com os pais, seminários sobre igualdade de gênero no esporte e eventos esportivos familiares.

Embora o apoio familiar seja um fator determinante para a participação das meninas no esporte, é importante reconhecer que nem todas as meninas têm acesso a esse suporte. Famílias que não valorizam a prática esportiva feminina ou que mantêm visões tradicionais de gênero podem representar uma barreira significativa. Portanto, as escolas e comunidades precisam trabalhar para criar uma cultura esportiva inclusiva que vá além do ambiente familiar.

Souza *et al.* (2019) destacam a necessidade de uma abordagem comunitária para a promoção da igualdade de gênero no esporte, sugerindo que parcerias entre escolas, famílias e organizações esportivas podem criar um ambiente mais acolhedor e igualitário para todos os/as jovens atletas. Essas parcerias podem ajudar a mitigar as barreiras familiares e proporcionar às meninas as oportunidades e o apoio necessários para se destacarem no esporte.

A influência da família é um elemento fundamental na participação das meninas no futsal misto. O apoio e o incentivo familiar não apenas motivam as meninas a se envolverem no esporte, mas também as capacitam a enfrentar e superar os desafios e preconceitos de gênero. Para promover a equidade de gênero no esporte, é requerido que as escolas implementem iniciativas que envolvam ativamente as famílias, criando uma rede de suporte que fortaleça a confiança e o desenvolvimento esportivo das meninas. A criação de uma cultura esportiva inclusiva, apoiada por parcerias comunitárias, pode garantir que todas



as meninas tenham a oportunidade de participar plenamente e serem reconhecidas por suas habilidades.

## ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO NO FUTSAL MISTO: BARREIRAS E DESAFIOS

Os estereótipos de gênero persistem como uma barreira à participação das meninas em esportes mistos, como evidenciado pelos dados coletados na roda de conversa. As alunas relataram a necessidade de superar expectativas baixas e preconceitos profundamente estabelecidos nas normas de gênero tradicionais, que frequentemente subestimam suas habilidades e as colocam em desvantagem em relação aos meninos. As falas de *Ludmila* e *Tamires* ilustram claramente esses desafios.

**Ludmila:** “Às vezes, os meninos preferem chamar um menino que joga bem menos do que uma menina que joga melhor, só porque ele é menino.”

**Tamires:** “Os meninos me chamaram porque sabem que eu jogo bem e posso ajudar o time.”

O relato de *Ludmila* demonstra como os estereótipos de gênero podem levar a decisões injustas que privilegiam os meninos, independentemente de suas habilidades comparativas. *Tamires* também destacou a importância do reconhecimento de suas habilidades. Embora este seja um exemplo positivo de inclusão baseada em habilidades, ele também enfatiza que as meninas precisam provar constantemente seu valor para serem aceitas, enfrentando preconceitos que frequentemente não se aplicam aos meninos.

Os estereótipos de gênero no esporte são amplamente discutidos na literatura acadêmica. Goellner (2005) explora como os estereótipos de gênero impactam a visibilidade e aceitação das mulheres no futebol, destacando que a subestimação das capacidades atléticas das meninas é uma barreira à sua plena participação. Esse fenômeno é também abordado por Broch (2021), que analisa a histórica desigualdade de gênero no futebol brasileiro, mostrando como as mulheres têm sido sistematicamente marginalizadas e subestimadas em suas habilidades esportivas.

Os estereótipos de gênero que permeiam o ambiente esportivo escolar são profundamente embutidos nas normas sociais e culturais. Eles não apenas limitam a participação das meninas, mas também reforçam as desigualdades de



gênero, perpetuando a crença de que os meninos são naturalmente mais competentes no esporte. Este preconceito estrutural cria um ambiente em que as meninas são constantemente desafiadas a provar seu valor, enquanto os meninos são automaticamente privilegiados, independentemente de suas habilidades reais.

Freitas *et al.* (2023) discutem como essas barreiras são manifestadas na prática do futebol feminino, destacando a necessidade de uma abordagem crítica e transformadora que desafie os estereótipos e promova a igualdade de gênero. A presença contínua desses estereótipos evidencia a importância de implementar programas educacionais que abordem diretamente as normas de gênero e incentivem uma cultura de inclusão e igualdade.

Os estereótipos de gênero têm um impacto profundo não apenas na participação esportiva, mas também no desenvolvimento pessoal e social das meninas. Eles afetam a autoconfiança, a percepção de competência e a motivação para continuar praticando esportes. *Ludmila* e *Tamires*, apesar de suas habilidades reconhecidas, ainda enfrentam a pressão adicional de demonstrar continuamente seu valor, o que pode levar a um desgaste emocional e à desistência do esporte.

Souza *et al.* (2019) argumentam que os estereótipos de gênero podem criar um ambiente desmotivador para as meninas, limitando suas oportunidades de desenvolvimento e sucesso. Para combater esses efeitos negativos, é vital que as escolas e programas esportivos adotem políticas inclusivas e de igualdade de gênero, promovendo uma cultura que valorize e reconheça as habilidades de todos os estudantes, independentemente de seu gênero.

bell hooks (2017), ressalta a importância de uma educação crítica que questione e desafie as estruturas de poder e de privilégio. Aplicando essa perspectiva ao contexto esportivo, é essencial que meninos e meninas sejam educados para reconhecer e questionar os privilégios masculinos, promovendo uma cultura de respeito e de igualdade. Hooks argumenta que a prática do pensamento crítico é fundamental para transgredir as normas opressivas e para construir uma sociedade mais justa.

Para enfrentar os estereótipos de gênero e promover a igualdade no esporte, é necessário implementar uma série de medidas estratégicas:

- **Educação e Sensibilização:** Programas educacionais que abordem os estereótipos de gênero e promovam a igualdade são essenciais. Isso

inclui seminários, palestras e atividades que desafiem as normas de gênero e incentivem uma cultura de respeito e inclusão.

- **Políticas de Inclusão:** As escolas podem adotar políticas claras de inclusão que assegurem que as meninas tenham as mesmas oportunidades de participar de atividades esportivas. Isso inclui a criação de equipes mistas em que as habilidades de todos os participantes são valorizadas igualmente.
- **Modelos de Papel:** Promover modelos de papel femininos no esporte pode inspirar as meninas e ajudá-las a ver que é possível alcançar sucesso, apesar dos estereótipos de gênero. Isso pode ser feito por meio de palestras de atletas femininas, exposições de jogos femininos e outras iniciativas de visibilidade.
- **Treinamento e Desenvolvimento:** Desenvolver programas de treinamento específicos para meninas, como sugerido por Malvar (2020), pode ajudar a nivelar o campo de jogo e garantir que suas habilidades sejam plenamente desenvolvidas e reconhecidas.

Os estereótipos de gênero persistem como uma barreira significativa à participação plena das meninas no esporte, limitando suas oportunidades e perpetuando desigualdades. Para superar esses desafios, é imprescindível implementar medidas educacionais e políticas que promovam a igualdade de gênero, reconhecendo e valorizando as habilidades das meninas. Somente por meio de uma abordagem crítica e transformadora, poderemos criar um ambiente esportivo verdadeiramente inclusivo e equitativo, no qual todas as meninas possam alcançar seu pleno potencial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa sobre a participação feminina em jogos mistos de futsal na SOCCIJ destaca a importância de utilizar competições internas como um microcosmo para observar e influenciar as dinâmicas de gênero no esporte. Esse estudo revelou que, apesar dos avanços na inclusão de meninas em atividades esportivas mistas, ainda há desafios a serem superados para alcançar uma verdadeira igualdade de participação.

A escola estudada está na vanguarda ao incluir a modalidade de futsal misto sem segregação por gênero, proporcionando às meninas a oportunidade

de competir e desenvolver suas habilidades ao lado dos meninos. No entanto, as percepções das alunas indicam que a inclusão inicial muitas vezes não se traduz em uma verdadeira igualdade de participação. Elas, regularmente, enfrentam a necessidade de provar suas habilidades e lidar com preconceitos e estereótipos de gênero que subestimam as suas capacidades.

Constatamos que a inclusão efetiva das meninas em esportes tradicionalmente dominados por meninos ainda enfrenta barreiras substanciais. Embora a aceitação inicial e a familiaridade com os colegas de equipe tenham facilitado a participação de algumas alunas, outras enfrentaram preconceitos de gênero e subestimação de suas habilidades. A análise revelou que, apesar da aceitação inicial, a participação das meninas é normalmente simbólica, sem uma verdadeira igualdade de oportunidades.

Os estereótipos de gênero profundamente enraizados continuam a influenciar negativamente a dinâmica dos jogos mistos, subestimando as capacidades das meninas e limitando sua plena participação. As falas das alunas, como a de *Marta*, que sentiu a falta de passes durante os jogos, e de *Cristiane*, que percebeu a necessidade constante de provar suas habilidades, ilustram esses desafios. *Tamires*, que destacou o medo de errar e ser criticada, reforça a pressão adicional que as meninas enfrentam no ambiente esportivo.

Os estereótipos de gênero persistem como uma barreira à participação plena das meninas no esporte. Esses estereótipos criam um ambiente desmotivador, limitando as oportunidades de desenvolvimento e sucesso das meninas. Para enfrentar esses desafios, é necessário implementar uma série de medidas estratégicas, como programas educacionais que desafiem as normas de gênero, políticas de inclusão claras nas escolas, promoção de modelos de papel femininos no esporte e desenvolvimento de programas de treinamento específicos para meninas.

A influência da família foi identificada como um fator marcante para a motivação e confiança das meninas. O apoio familiar ajudou a contrabalançar as barreiras sociais e culturais, proporcionando um ambiente de encorajamento necessário para que as meninas persistam no esporte. Contudo, é essencial que as escolas implementem iniciativas que envolvam as famílias e a comunidade para criar uma rede de suporte mais ampla e eficaz.

Para promover uma verdadeira inclusão no esporte escolar, é necessário adotar estratégias contínuas e diversificadas. Isso inclui a implementação de programas educacionais que desafiem as normas de gênero, políticas escolares

inclusivas que garantam igualdade de oportunidades, e o desenvolvimento de programas específicos de treinamento para meninas. A criação de um ambiente esportivo que valorize igualmente as habilidades de todos os estudantes, independentemente do gênero, é essencial para alcançar a verdadeira igualdade de gênero.

A literatura reforça que a transformação desse cenário demanda uma abordagem complexa, englobando intervenções educacionais, apoio familiar e mudanças políticas para desafiar e superar os estereótipos de gênero. A verdadeira inclusão vai além da aceitação superficial, requerendo esforços para criar um ambiente em que as contribuições e as habilidades das meninas sejam igualmente valorizadas. Somente por meio de uma abordagem crítica e transformadora poderemos criar um ambiente esportivo verdadeiramente inclusivo e equitativo, em que todas as meninas possam alcançar seu pleno potencial.

Por fim, este estudo procurou demonstrar que a inclusão no esporte escolar precisa ir além da aceitação superficial, promovendo um ambiente em que as contribuições e habilidades das meninas sejam reconhecidas e valorizadas de maneira igualitária. A busca pela igualdade de gênero no esporte é um processo complexo que exige um esforço coletivo para desconstruir estereótipos e implementar práticas que valorizem as habilidades de todos/as os/as estudantes.

Um dos limites dessa pesquisa está relacionado à abrangência da amostra, que se restringe a um grupo específico de alunas em uma única escola. Para obter informações mais amplas e representativas sobre a inclusão de meninas em jogos mistos, seria necessário ampliar o número de participantes e incluir diferentes contextos escolares. Outrossim, embora o foco tenha sido a participação das meninas em atividades esportivas, é fundamental que a discussão sobre igualdade de gênero não se restrinja apenas ao esporte, mas seja incluída de maneira transversal às práticas escolares em geral. A promoção da equidade deve perpassar todas as dinâmicas escolares, desde as atividades na sala de aula até as interações cotidianas, garantindo que os princípios de igualdade sejam aplicados em todos os espaços da escola.

Concluimos ressaltando a importância de criar ambientes esportivos mais inclusivos e justos, que incentivem a participação feminina e contribuam para a construção de uma sociedade mais equitativa. Utilizar as competições internas escolares como um microcosmo para observar e influenciar essas dinâmicas é uma estratégia eficaz para promover a igualdade de gênero. Esses espaços oferecem uma oportunidade única para desafiar preconceitos, incentivar a cola-

boração e destacar a importância de um ambiente esportivo verdadeiramente inclusivo.

## REFERÊNCIAS

ATEM, Ricardo Gregório; PELEGRINI, Thiago. Gênero e Esporte nas Aulas de Educação Física no Ensino Médio. In: Os Desafios da Escola Pública Paranaense na Perspectiva Do Professor PDE. **Cadernos PDE**. Secretaria de Educação, Curitiba, 2016. Disponível em: <[http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes\\_pde/2016/2016\\_artigo\\_edfis\\_uel\\_ricardo-gregorioatem.pdf](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2016/2016_artigo_edfis_uel_ricardo-gregorioatem.pdf)> Acesso em: 11 jun. 2024.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.

BOGDAN, Rober. Charles; BIKLEN, Sari. Knoop. **Investigação Qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BROCH, Marina. Histórico do futebol feminino no Brasil: considerações acerca da desigualdade de gênero. **Temporalidades**, v. 13, n. 1, p. 695-705, 2021.

FARIA JÚNIOR, Alfredo Gomes. Futebol Questões de Gênero e Coeducação: Algumas considerações didáticas sob enfoque multicultural. **Pesquisa de campo**, n. 2, p. 17-39, 1995.

FREITAS, Vinicius; BAZHUNI, Rosayna; LIMA, Jacqueline. Resistências e desafios na prática do futebol feminino. **Mosaico**, v. 14, n. 1, p. 26-36, 2023.

GATTI, Bernadete Angelina. **Grupo focal na pesquisa em ciências sociais e humanas**. Brasília: Liber Livro, 2005.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v. 19, n. 2, p. 143-151, 2005.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: A Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2017.

HOOKS, Bell. **Teoria feminista: da margem ao centro**. São Paulo: Rosa dos Tempos, 2019.

MALVAR, Antonio Jorge Martins. **A participação das meninas nas aulas de educação física: dilemas de um professor no ensino do futsal.** 2020. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 2020.

OBSERVATÓRIO da Discriminação Racial no Futebol. Relatório anual da discriminação racial no futebol 2022. **Observatório da Discriminação Racial no Futebol**, Museu da UFRGS - Porto Alegre: Museu da UFRGS, 2023. 280p.

OLIVEIRA, Carla Cristina Santos. **Fatores desencadeadores para o início da prática esportiva dos atletas brasileiros nos Jogos Olímpicos Londres 2012, Rio 2016 e Tóquio 2020.** 2021.177f. Dissertação (Mestrado em Ciências do Exercício e do Esporte). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

OLIVEIRA, Mariana Gomes de; MALDONADO, Daniel Teixeira. Análise midiática sobre o futebol feminino no Brasil: elementos didáticos para a Educação Física no ensino médio. **Motrivivência**, [S. l.], v. 32, n. 63, p. 1–21, 2020. DOI: 10.5007/2175-8042.2020e73498. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/73498>. Acesso em: 11 jun. 2024.

SANTOS, João. **Futebol feminino, escola e cultura: possíveis impactos das aulas de educação física na perspectiva das atletas.** 2023. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/356178939\\_PRODUCAO\\_CIENTIFICA\\_RELACIONADA\\_AO\\_FUTEBOL\\_DE\\_MULHERES\\_EM\\_TESES\\_E DISSERTACOES\\_BRASILEIRAS\\_NA\\_AREA\\_DA\\_EDUCACAO\\_FISICA#fullTextFileContent](https://www.researchgate.net/publication/356178939_PRODUCAO_CIENTIFICA_RELACIONADA_AO_FUTEBOL_DE_MULHERES_EM_TESES_E DISSERTACOES_BRASILEIRAS_NA_AREA_DA_EDUCACAO_FISICA#fullTextFileContent). Acesso em: 11 jun. 2024.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; BERNARDES, Nara Maria Guazzelli. Roda de conversas – Excelência acadêmica é a diversidade. **Educação**. Porto Alegre – RS, [S. l.], v. 30, n. 1, 2007.

SOUZA, Larissa Medeiros de; MAUX, Ana Andréa Barbosa; REBOUÇAS, Melina Séfora Souza. Impedimento? Possibilidades de Relação entre a Mulher e o Futebol. **Phenomenological studies**, v. 25, n. 3, p. 282-293, 2019.

SOMARIVA, João Fabrício Guimara. **A prática pedagógica do futebol nas aulas de educação física sob a perspectiva de gênero.** 2015. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão. Disponível em: <https://repositorio>.

[animaeducacao.com.br/items/0787af35-2b34-4ad1-a61f-64f767acd133](https://animaeducacao.com.br/items/0787af35-2b34-4ad1-a61f-64f767acd133). Acesso em: 11 jun. 2024.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIANNA, Flávia. **Gênero e sexualidade no esporte e na educação física**. 2018. Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal.